HELOISA DE BARROS DANTAS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.37-39>

O desenvolver da mulher pesquisadora

Nascida em Recife, meu pai possui curso técnico em computação, já minha mãe, no entanto, só concluiu o Ensino Médio alguns anos após o meu nascimento. Esta teve uma infância sofrida, criada por minha bisavó Maria Cicera, lavadeira de roupas, e fez serviços domésticos, todo dia indo trabalhar a pé para garantir o sustento dos netos. Durante a segunda infância, vivi uma vida tranquila, estudando em bons colégios, brincando no quintal da casa da minha avó com meus primos. Apesar de gostar das recreações em grupo, desenvolvi um amor logo cedo pelos livros. O dia preferido da semana era o que chegava da escola e tinha revista de gibis novas me aguardando.

Como tudo na vida é mutável, e como tudo que é mutável, muda, surgiram mudanças, porém nem todas elas boas. Aos meus 11 anos as condições financeiras do meu pai já não eram mais as mesmas, e buscando encontrar novos caminhos, ele decidiu morar na Paraíba e ir atrás de uma oportunidade de emprego. Agora, não havia mais o quintal da minha avó, nem meus primos ou a escola que amava. Passamos por momentos de adaptação, e atrevo-me a dizer, depois deste período, as adversidades começaram a surgir com maior frequência.

A Paraíba era calma, silenciosa, até bonita, mas não era como a antiga casa. Nossa estadia no lugar novo durou pouco tempo, mas foi o suficiente para perceber que nem

sempre a realidade alcança nossas expectativas. Voltamos para Pernambuco um ano após, na carona de um caminhão, passando de cidade em cidade, nem sabendo mais qual seria nosso novo lugar de vivência. Na verdade, a partir daí parou de existir nós, já não era mais eu, minha mãe, pai e irmão, pois a separação dos meus pais veio na bagagem.

Durante a adolescência questionei-me por diversas vezes o motivo de tudo, porque a vida tranquila, calma e em família tinha se tornado completamente diferente e um tanto quanto amarga. Precisei escolher qual caminho seguir e encontrei os estudos, pois enquanto meus pais ainda eram casados, ao observar a relação deles, meu pai saindo para trabalhar e minha mãe ficando em casa, percebi que queria ser a pessoa responsável pelo meu próprio sustento, estudar, ter uma profissão. O Ensino Médio chegou e a vontade de encontrar a área de formação veio junto. A escola pública, entretanto, não oferecia suporte para tantas dúvidas. Então, utilizando a internet, canais de ensino à distância gratuitos, achei a base que me faltava, descobri a existência do vestibular, pois, por não ter pais graduados e residir em subúrbio, não fazia ideia do que e para que servia. No meio de tantas informações soltas nas pesquisas do Google, surgiu a insegurança e medo, como adentrar numa universidade sem condições financeiras? Como sem base de ensino?

Quando o sistema governamental não dá suporte para todos de forma igualitária, uns precisam se esforçar mais do que outros para conseguir atingir o mesmo nível de educação. Tendo consciência disso, aos 16 comecei a pesquisar vagas de jovem aprendiz, estagiei como auxiliar administrativo, e o salário tinha destino certo, investir nos meus estudos. Busquei cursos preparatórios para o vestibular, aqueles mais acessíveis a pessoas de baixa renda. Por um período dividi-me em três: escola, estágio e curso, cansativo mentalmente e fisicamente, mas era a única saída para ter um futuro melhor.

A primeira experiência com o ENEM não foi das melhores, tirei notas baixas, pensei em desistir, mas tive o apoio dos meus professores que me motivaram a continuar. Neste mesmo ano, em 2016, prestei vestibular para o IFPE, consegui ser aprovada no tecnólogo de Química Industrial. O IFPE abriu portas para novas perspectivas e aprendizados, e consegui aprimorar meus conhecimentos na área de

Química; as séries de iniciação científica tornaram-se ainda mais empolgantes, o sonho de ser aprovada na Federal na área de farmácia se tornou uma certeza ainda maior.

Um ano após ter sido aprovada no tecnólogo, consegui a tão sonhada vaga na UFPE, e a vida acadêmica saiu do plano irreal e transformou-se em realidade. No entanto, conciliar duas instituições públicas não era tão simples quanto imaginei, precisei passar pelos primeiros dois anos muito conturbados de graduação e IFPE, para conseguir começar a ter uma rotina mais equilibrada. A curiosidade de entrar em áreas de pesquisa começou a surgir, no meio de tantos projetos acadêmicos e de extensão, descobri o Instituto Internacional Despertando Vocações e o PDVS, esse acabava de ter sido criado em 2019.

Dentro do PDVS, pude desenvolver novas habilidades, conhecer outras áreas, aprendi a tomar iniciativa e estar sempre disposta a adentrar em novos projetos e tarefas. Somado a isso, tive o prazer de ser membro da Comissão Organizadora do I Congresso Internacional de Ciências da Saúde, auxiliei na organização do cerimonial e participei ativamente do COINTER. Depois disso, o envolvimento com o programa só cresceu, pois o Instituto Internacional Despertando Vocações oferece um universo de oportunidades, assim, a área de Ciências da Saúde era só uma pequena parte do todo.

A curiosidade é uma estrada de achados, e explorando esta, aventurei-me por novas áreas. Realizei cursos de edição de vídeos, imagem e tenho auxiliado nas mídias sociais do II COINTER PDVS, assim como, mais uma vez, na comissão organizadora do evento. Além disso, adentrei no Setor Comercial/Marketing da Editora IIDV, como também, no grupo de gestão do IDVLearning, aonde aprimorei conhecimentos sobre educação à distância e funcionamento da plataforma 'online' do IDVLearning.

Logo, o IIDV pode servir como estrada de qualquer indivíduo que queira desenvolver e conhecer novas áreas, além de aprimorar-se na sua de atuação. Com o mundo globalizado no qual vivemos, se faz necessário sempre estar com um olhar amplo, não se restringindo apenas a uma única área de conhecimento. A educação é um mundo de oportunidades e multidisciplinaridade, logo, pretendo vasculhar ainda mais as vias por ela oferecidas dentro do programa.